O ACADEMICO

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

NUMERO 2 — 1 ANNO

A REFORMA
DO
MARQUEZ DE POMBAL

II

Tirada aos jesuitas a direcção do ensino publico, a instituição immortal de 6 de Novembro de 1772 organisou a instrucção primaria, sanccionando principios verdadeiramente liberaes.

A instrucção popular nasceu n'aquelle dia.

Para se poder avaliar a instituição, conheçâmos os pontos fundamentaes d'ella. Foram: a creação da mesa censoria, o concurso, o establecimento do ensino popular, a instituição de uma escola em cada centro local, a inspecção, a dotação do ensino e o principio educativo.

Pela mesa censoria emancipava-se do monopolio jesuitico a questão do ensino, e organisava-se pela primeira vez o elemento fundamental do estado, dando-se unidade á reforma.

A instrucção primaria ficava com um tribunal seu.

Por meio do concurso creava-se um magisterio digno da missão que se lhe ia confiar, chamando-se para dirigir a infancia portugueza o merito e a moralidade, e intitulando-se os professores primarios «mestres regios» para acabar o desprezo que andava ligado áquella profissão, até alli considerada *mechanica*.

Pelo ensino particular inaugurava-se o elemento que levantasse uma concorrencia util e que auxiliasse o braço do estado.

Pela creação do novo tributo do subsidio litterario organisava-se um rendimento especial para o ensino, dotando-se a instrucção popular, e dando-se seriedade á reforma, que é a primeira necesidade e tambem a primeira raridade das reformas.

Exigindo os elementos religiosos e civis, a reforma lançava as bases da educação portugueza e levantava a questão social fundando-se «na conveniencia de aproveitar as primeiras idades, por ser n'ellas mais facil instillar nos meninos os principios moraes e sociaes».

Dois principios da nova lei sobreluziam a todos os principios d'ella: a generalidade nacional do ensino, e a educação na proporção d'essa generalidade.

Mirava-se ao alvo da educação geral. A leitura que ate alli se fazia nas escolas primarias pelos processos judiciaes, era mandada substituir pelo catecismo de Montpellier, «para os alumnos (diziam as instrucções) irem aprendendo os principios da religião em que os professores os deviam instruir *com preferencia a qualquer outro assumpto,* ensinando as creanças segundo os dictames da virtude, firmando-as na pureza dos bons costumes, dando-lhes a beber, desde que n'ella principiasse a raiar a luz do entendimento, as obrigações do christão, do vassalo e do cidadão, para cumprirem com ellas na presença de Deus, do rei e em beneficio commum da patria».

Aqui já não era a educação nacional a acompanhar a instrucção, precedia-a.

A reforma inaugurava um systema completo de educação moral, religiosa, social, e mandava-o realisar pelo reino todo. O espirito faccioso de partido (não data de hoje), na impossibilidade de combater frente a frente os reformadores distinctos, ataca-os de flanco. O jesuitismo e a aristrocracia, dois baluartes da reacção que o ministro de D. José encontrou no seu caminho, balbuciaram a palavra: impiedade. O reformador era um impio, pelo menos um puro philosopho.

Á malevola accusação acabaram de responder as instrucções que deixamos consignadas textualmente, ainda mesmo que a reforma do ensino primario não estivesse desmentindo facto por facto uma tal injustiça. Se emancipar a intelligencia patria do jugo jesuitico era impiedade, foi na verdade um impio o marquez de Pombal.

Era impiedade realmente aniquilar um monopolio da instrucção que só tinha servido para converter o paiz em feudo hereditario, impiedade era tambem libertar o principio nacional. Ha uma só differença, é que a impiedade do reformador se baseava na religião do estado. A impia reforma collocava na mesa censoria, que dirigia o nosso ensino, um bispo, e entregava a presidencia d'ella a um prelado respeitavel. Á frente da universidade, que ia formar as altas intelligencias do reino, punha um principal da egreja romana. A impiedade convidava as ordens religiosas e as ordens religiosas acceitavam o convite, a crearem ao lado do elemento publico o ensino secular ministrado tambem por ellas, aos professores do estado ordenava-se que levassem os alumnos a receber os sacramentos da egreja, e como fundamento da educação nacional era especialmente recommendado que o ensino se baseasse na união entre a lei christã e a sociedade civil. A reforma inaugurava com todo este conjuncto de providencias um systema completo de impiedade!

III

Estudadas e agrupadas as disposições capitaes da instituição de 6 de novembro, subamos á altura d'ella, avaliando-a n'um todo. Que prova a reforma da instrucção popular? Que papel desempenhou, não só na sce-

na portugueza, mas até no magestoso theatro da Europa? Na Europa, sim, digamo-lo com enthusiasmo, porque na Allemanha a reforma do ensino pela imperatriz Maria Thereza ainda não tinha despontado; á Prussia havia de chegar mais tarde a reforma da instrucção primaria, a instrucção nacional e gratuita da França revolucionaria ainda tambem não tinha proclamado o seu 89, e já Portugal, á voz do intrepido reformador, ensinava ao mundo o que era o problema da instrucção primaria.

Que prova a reforma? Que papel desempenhou? A reforma da instrucção portugueza começára pela secundaria. Em cada villa foi instituida uma cadeira de portuguez e latim, e pelo reino um certo grupo de escolas de philosophia, eloquencia e grego.

Seguiu-se a resurrreição da universidade de Coimbra. Tinhamos assistido ao lastimoso espectaculo que nos dera o proprio rei D. João III e os reis que lhe succederam, e viramos que a reforma introduzida por aquelle monarcha fôra suffocada pelos jesuitas. A universidade abysmara-se durante dois seculos. O marquez de Pombal não a collocou só ao par das universidades do seu tempo, adiantou-a ainda mais, merecendo a attenção e o espanto da Europa.

Alem de uma transformação radical nas sciencias da theologia, do direito, da medicina, da litteratura, e no methodo de as estudar, foram fundadas as duas faculdades da mathematica e philosophia. A justificação d'estas duas importantissimas e entre nós desconhecidas fundações, e do seu ingresso no quadro da universidade, está lançada em estylo elevado e liberal nos proprios estatutos. Reedificaram-se os paços, levaram-se ao cabo todas aquellas construcções das aulas, da bibliotheca, do observatorio astronomico, do jardim botanico, do museu, cujo complexo fez da formosa cidade do Mondego uma cidade especial, que attrahe a visita dos estrangeiros. Como feixo da aboboda, os memoraveis estatutos da universidade de 28 de agosto de 1772 foram a primitiva constituição liberal d'este paiz. Se alguma cousa similhante se lhe anticipára fôra ainda, do mesmo reformador, a celebre lei de 18 de agosto de 1869, a qual sobre as cinzas da ligislação barbarisada assentou, semilhantemente ao direito pretoriano da republica romana, o principio da razão e da equidade.

Só se carecia de professores condignos. A tamanha decadencia haviamos chegado. O reformador não hesitou. Para instituir a faculdade de mathematica foi convidado em Veneza, Franzini, depois preceptor do esperançoso e desventurado principe D. José. Juntamente com Franzini vieram, do Piemonte Miguel Ciera, de Bolonha o abbade Brunelli, e este grupo formou a notavel escola de mathematica de que brotou a cohorte, já gloriosamente portugueza, de José Monteiro da Rocha, Miguel José Coelho da Maia, o primeiro que explicou na universidade a mechanica celeste de la Place, José Anastacio da Cunha, Garção Stockler, Manuel Pedro de Mello, Honorato e outros.

Com o professorado mathematico, as sciencias naturaes traziam tambem de Italia, a convite do marquez, Domingos Vandelli, o primeiro que ensinou em Portugal a chimica e a historia natural, fundador do jardim botanico, Dallabella, Soares Barbosa, e outros ainda. Para a faculdade de medicina vieram igualmente professores estrangeiros. Aos textos escolasticos e invariaveis dos jesuitas succediam, não só as prelecções e exercicios praticos de todo este respeitavel corpo docente, mas tambem os compendios dos novos professores, conformes ao que de melhor então se conhecia nas sciencias e lettras.

Continúa

D. Antonio da Costa.

UNIFICAÇÃO DA ITALIA

I. — Muitos foram os cruzados indefessos da unificação da Italia, realisada pelo fallecido rei Victor Manuel, depois de tentada em balde por seu pae Carlos Alberto.

Em virtude da lei de 17 de Março de 1861, assumiu Victor Manuel o titulo de *rei da Italia:* — e fruia-o com a mesma *ligitimidade*, com que tivera até então o titulo de *rei do Piemonte* — em virtude da abdicação de *Carlos Alberto* em 23 de Março de 1849, confirmada em 3 de Abril immediato.

II. — Dos cruzados inolvidaveis d'esta empreza arrojada — uns, d'heroicidades inauditas no campo do sangue; outros, d'esforços incriveis no campo das lettras; e alguns, de luctas energicas no campo da diplomacia — quasi todos tem descido á mansão dos mortos, deixando apenas alguns companheiros no estadio dos vivos.

III. — O ministro *conde de Cavour,* o diplomata enthusiasta da unificação da Italia, morreu a 6 de Junho de 1861 — trabalhando mais para esta empreza arrojada, que nenhum dos outros ministros de *Victor Manuel.*

O ministro *Migglieti,* morreu a 14 de Julho de 1864.

O ministro *Della Rovere,* morreu a 17 de Novembro de 1864.

O ministro *Fanti,* morreu a 5 d'Abril de 1865.

O ministro *Farini,* morreu a 1 d'Agosto de 1866.

O ministro *Cassinus,* morreu a 18 de Dezembro de 1866.

O ministro *Matteuci,* morreu a 25 de Julho de 1868.

O ministro *Manna,* morreu a 23 de Julho de 1868.

O ministro *Niutta,* morreu a 1 de Septembro de 1868.

O ministro *Natoli,* morreu a 25 de Septembro de 1868.

O ministro *Cordova,* morreu a 16 de Dezembro de 1868.

O ministro *Pasini,* morreu a 22 de Maio de 1870.

O ministro *Govone,* morreu a 25 de Janeiro de 1872.

O ministro *Gugia,* morreu a 13 de Fevereiro de 1872.

O ministro *Rattazzi,* morreu a 5 de Junho de 1873.

O ministro *Blasus*, morreu a 31 d'Agosto de 1873.

O ministro *Gualterio*, morreu a 10 de Fevereiro de 1874.

O ministro *Raeli*, morreu a 25 de Novembro de 1875.

IV. — D'outros cruzados illustres — em posições extra-officiaes, na Italia e fóra d'ella — não é tambem pequeno o numero dos fallecidos.

Em 1865, morreu *André Dupin*.

Em 1866, morreu o *duque Sforza-Cesarini*, *Maximo Azeglio*, e *Thouvenel*.

Em 1868, morreu *Havin* e *Alexandre Walewsky*.

Em 1869, morreu *Dolfi*, *Eusebio Reali*, *Carlos Caetano*, *Sainte-Beuve*, e o *general Durando*.

Em 1871, morreu *Pedro Leroux*.

Em 1872, morreu *Gilberto Persigny*.

Em 1873, morreu *Guerrazi (Francisco Domingos)*.

Em 1874, morreu o ex-parocho Robacchi, o ex-padre *Fruichera*, *Nino Bixio*, e *Ledru-Rollin*.

Em 1875, morreu *Edgar Quinet* e *La Gueronnière*.

Em 1876, morreu *José Mazzini*.

V. — Além d'estes cruzados memoraveis, a outros mais cobre ainda a lousa do sepulchro.

Luiz Bonjean, morreu a 24 de Maio de 1867.

Miguel Avitavile de Grace, morreu a 18 de Junho de 1871.

Vicente Amaduri de Palmi, morreu a 19 de Fevereiro de 1873.

Antonio Dillia de Corteslona, morreu a 11 d'Agosto de 1873.

Lulio Liberta de San-Nicandro, morreu a 6 de Septembro de 1873.

Luiz Baino d'Asti, morreu a 15 de Septembro de 1873.

Angelo Campisi de Canlonia, morreu a 3 de Novembro de 1873: — e no mesmo dia falleceu tambem *Victorio Villa de Chieri*.

O advogado Cesarini di Brudio, morreu a 21 d'Abril de 1874.

José Sirtori de Milan, morreu a 19 d'Outubro de 1874.

Filippe Mellana de Casale, morreu a 3 de Novembro de 1874.

Caetano Caruso de Monreal, morreu a 13 de Janeiro de 1875.

Carcassi de Ferrara, morreu a 22 d'Abril de 1875.

Santiago Servadio de Montepulciano, morreu a 27 d'Abril de 1875.

Francisco de Luca Serrastreta, morreu a 3 de Agosto de 1875.

Alexandre Bianchi d'Oreglia, morreu a 18 d'Agosto de 1875.

VI. — Dos cruzados parlamentares da *unificação da Italia* — inolvidaveis dos amigos do progesso e da liberdade — a tres de vulto riscou d'entre os vivos a mão da morte.

Em 16 de Março de 1873, chamou a si o deputado *Cesar Valerio;* e em 1874, os senadores *Medici* e *Panattoni*.

VII. — Deixamos ainda em silencio — para não alongarmos demais este bosquejo — a não poucos dos cruzados insignes, que tem ligados os nomes á *unificação da Italia*, e jazem na mansão dos finados.

A haver de mencional-os, teriamos a não esquecer-nos de *Bettazzi*, *Alexandre Borrella*, *Carlos Poerio* e *Liborio Romano*.

Teriamos emfim a lembrar-nos do *general Lamarmora*, e a não olvidar-nos do grande *Thiers*, o heroe da França em nossos dias.

VIII. — Remataremos por isso estes apontamentos desataviados, lembrando-nos apenas do *imperador Napoleão III*, fallecido a 9 de Janeiro de 1873; e do *rei unificador* da Italia, *Victor Manuel*, fallecido a 9 de Janeiro de 1878.

A estes vultos grandiosos n'esta empreza arrojada — condigna do seculo que nos coubera em sorte — resta só associar-lhes um *nome inolvidavel*, que não póde a historia desligar d'elles, como com elles connexo e conjuncto. — É o nome augusto do *Summo Pontifice*, fallecido a 7 de Fevereiro de 1878, Pio IX.

Braga.

PEREIRA CALDAS.

N'UM TUMULO

Que é de ti? onde estás? Quem teu perfume,
Flor d'innocencia, te levou e as galas?
Crestou-te o pé da tempestade, o raio?
Morreste?! oh, não! estás dormindo apenas.
Passa, ó vento, passsae, brisas do ermo;
Longe levae as doloridas vozes;
Deixae dormir meu filho...

HERMINIO.

UM BEIJO

Não sei se sabes o que é o cair da tarde no campo.

Se não sabes, então não podes comprehender o que é aquella meia hora de saudade em que a nossa alma isolada nas vastidões, quasi que unicamente habitadas de vegetaes, sente a attração irresistivel da necessidade do amor.

Sublime poesia que eleva o espirto, despre nden_ do-o da materia.

Hora unica da terra que nos approxima das alegrias da vida á phisolophia do tumulo.

. . .

Era assim, ao fugir do sol, que eu costumava ir sentar-me junto da fonte onde as aldeãs vinham em busca de agua, casando a limpidez das canções ao murmurio da lympha tão pura como suas almas.

Era em Agosto. O ceu limpido e sereno rematava o seu azul indifinido na verdura das campinas.

Os rouxinoes desprendiam os seus canticos repassados de melancolica poesia.

As calhandras iam acoutar-se nos ramos dos salgueiros.

Emudecia a terra, mas fallavam os ceus...

E sempre áquella hora Margarida era a ultima que vinha com o seu cantaro á fonte.

Que momentos deliciosos de um prazer inteiramente santo!

Que fallas repassadas da candura do seu coração!

Como era boa, como era innocente!...

E que belleza de formas, que correcção de contornos, que nobreza de perfil, que suavidade no olhar!

Suppõe tu uma mulher de pallidez alabastrina mimosamente colorida pelas rosas virginaes da saude.

Os cabellos em formosissimas tranças espreitavam por entre a cambraeta do seu lenço.

As pestanas eram dois fios da noite perdidos no brilho dos diamantes negros de seus olhos.

E que bocca?!...

Era um botão formosissimo levemente assombreado por um buço encantador.

Na face esquerda um signal de cabellos de ebano retincto, qne parecia um insecto sobre a petala d'uma camelia, era um desejo a maior.

O collo era branco e tão branco como o linho da camisa.

Os seios eram duas ondas do mar a morrer no marmore de seu collo.

Typo de belleza!...

Modelo admiravel!...

* * *

N'este dia o ceu era mais transparente, os ninhos tinham mais harmonia; as rosas mais perfume.

E Margarida veio á fonte...

E nós de mãos dadas conversavamos em silencio o fundo das nossas almas.

Eu não sei bem o que é o amor. Tão pouco elle nos deixa pensar que mal o podemos difinir.

Mas nós amavamo-nos...

Era amor aquillo que nós sentiamos...

E ha quem se diga sceptico!...

Se vissem Margarida... e áquella hora... não o havia ninguem.

O azul ganhava côr... ia a cair a noite.

Collei-lhe os labios n'um beijo...

— E o beijo o que é?

Foi então que soube o que é um beijo.

— Um beijo é um poema

— É a philosophia universal.

— A raiz da palavra felicidade.

— A conjugação do verbo amar.

— A grammatica do sentimento.

— A transcendencia da razão:

— Um beijo é perfeitamente a escada de luz que leva da materia ao espirito, do scepticismo á crença.

— Finalmente um beijo...

Oh! mas é que um beijo não tem fim...

F. de Almeida Garrett.

CONSTITUIÇÃO MEDICA DO NORTE

É um facto inconcusso que a especie humana se definha á medida que se approxima dos polos até que a vida se torna completamente impossivel. E, cousa notavel, o ar e a luz mui poderosamente contribuem para isto.

O ar denso e a luz constante queimam o corpo e lhe fazem soffrer este definhamento, que caracterisa principalmente os Lapões, os Groenlandezes e os Samoiedes. É preciso para resistir a uma temperatura tão baixa uma enorme producção de calorico proprio; e os habitantes são obrigados a substituil-o por vestuario grosso e o uso d'oleo de peixe e de phocas que constitue a base do alimento d'elles.

O uso, que elles fazem das bebidas espirituosas desseca a filva organica. O frio exerce então uma acção comburente muito mais rapida, acção sanguineo-nervosa, como se observou na occasião da calamitosa retirada do exercito francez na Russia (1812). Os soldados que se entregavam aos alcoolicos com o fim de se aquecerem, caiam n'uma insensibilidade absoluta e morriam no meio d'um delirio, que lhes fazia vêr seus paes e amigos. Em tão triste e afflictiva situação, era isto uma compensação.

O Dr. Martiny descreve assim a acção constante da luz: «Passado o circulo polar, a um longo crepusculo succede um dia quasi continuo e a ausencia d'alternativa entre a escuridão e a luz influe pezadamente sobre a saude. O somno não é completo nem reparador.

No inverno os habitantes das mais pequenas cidades prolongam o serão o mais que podem dansando, representando, para demorar quanto ser possa o momento de se deitar, convictos de que não adormecem.

As creanças e as mulheres são affectadas principalmente d'esta insomnia: e os recem-nascidos passam a noite agitando-se e gritando no berço; elles rapidadamente se definham, tornam-se rachiticos, e morrem se os não mandarem para melhor clima, ao sul da Noruega.

No estio subiste o mesmo inconveniente.

Não ha occaso do sol, a acção constante da luz é continua, e por isto não sentem a necessidade de dormir como nós.

Pelas onze horas, meia noite e mesmo uma hora, os habitantes estão na rua ociosos diante das suas portas: vem apoz isto o cansaço e o alquebramento de forças; deitam-se e um somno agitado, que repara incompletamente as forças, os incommoda e affligе.

É precaução pouco efficaz o cercarem-se da escu-

ridão por que as janellas não teem guardaventos nem portas.

A constituição physica dos habitantes de Finmarck tem o cunho d'estas influencias: os homens, sobretudo as mulheres são magras, estioladas, e muitas vezes rachiticas. São frequentes as incurvações da columna vertebral, tradia e difficil a menstruação; a gordura é mui rara como tambem a côr das faces. No meio d'estas circumstancias physicas e physiologicas parece que a tysica deve ser commum: no entanto ella é rara e todos os medicos da Scandinavia são concordes em affirmar que esta doença torna-se tanto mais rara quanto mais se vive proximo do Norte.

É certo que a tubescolosa é mais propria dos climas temperados e humidos.

Em conclusão a atmosphera do extremo Norte distingue-se pela sua acção comburente: as doenças typhoides são raras porque os materiaes hydrocarbonados e azotados são totalmente queimados.

Demais os proto-organismos tão refractarios ao calor não resistem aos grandes frios. Será isto um obstaculo ao desenvolvimento da tobesculosa? Parece que o facto resolve a questão.

(Continúa) DUARTE SOUZA.

POBRE POETA!

I

Porque choras irmão, porque é que a face tua
um véo de noite escura envolve em suas prégas?
Qual é a dôr immensa a que sem tino entregas
o cerebro agitado onde o pensar fluctua?

O que é d'aquelle olhar onde a alma s'espelhava,
essa alma de poeta, electrica, volcanica,
ora bramindo audaz, como a alta voz oceanica,
gemendo ora subtil o amor que lá brotava?

Que áspide venenosa ou que lethal serpente
no teu peito cravou mortifero farpão?
Eu quero sepultal-a em vida n'um volcão,
que a lava incendiada a queime eternamente!

II

Dize, dize porque soffres
tão calado e quêdo e só...
O teu olhar mette dó!...
Perdestes aquelle brilho
— auréola da tua fronte —
que só do ceu era filho!

As rosas das tuas faces
esvairam-se... murcharam...
Só em seu logar deixaram
a pallidez doentia
que se vê do moribundo
na fronte gelada, fria!

Pendido o corpo te vejo,
como á busca d'um abrigo...
d'um triste, eterno jazigo.
Semelhas phantasma aéreo,
envolto em manto de sombras,
vestindo crepe funereo!

Tu d'antes eras alegre,
aos labios vinha-te o riso
dos anjos do paraizo.
Tu conversavas com Deus...
fallavas-lhe em tuas maguas,
contavas-lhe os sonhos teus.

A'quelles mundos ignotos,
ethereos, cheios de luz,
lá nos espaços a flux,
voavas inebriado
da poesia do bello
nas brancas azas librado.

Porque triste pois agora
pendes o rosto tão pallido
de bello tornado esquálido?
Quem á tua inspiração
cortou os vôos rasgados
com dura, ferina mão?

III

Eu como que presinto d'onde veem
esses golpes crueis que destruiram
d'um jacto vil, cobarde,
os sonhos teus doirados que fugiram
ao tacto dos impuros que só teem
nos peitos fel que arde!

Ah! Eu sei de que labios pestilentes
saiu aquel' bafejo venenoso
que as azas t'empanou!
E o cofre de crystal esplendoroso
onde guardavas illusões ridentes
quem foi que t'o quebrou!

O assassino feroz dos corações
que no seio apunhala as crenças santas
com sangrenta anciedade,
a masc'ra immensa tem dos sycophantas
da baixa hypocrisia e dos villões...
Chama-se a — sociedade! —

Porto, Fevereiro de 1878.

QUEBERTO LARO.

PABULUM VITÆ

A vida reside n'essa camada d'ar que envolve o globo, e que, girando com elle em todos os seus movimentos, tenue, vaporoso, invisivel, se introduz em toda a parte, e dentro em nós mesmos.

Se por uma circumstancia qualquer, imprevista, singular, se decompozesse esse involucro maravilhoso que nos cerca, a vida quebrar-se-hia ligeira como o pensamento.

O ar é assim a fonte da vida.

Diz-se tambem atmosphera essa camada fluida em que vivemos mergulhados; e por muito tempo os antigos a imaginaram como um dos geradores do mundo, considerando-a um corpo simples; e foi só no fim do seculo passado que Lavoisier demonstrou que o ar era composto de oxigenio e azoto, entrando n'essa composição 23 partes do primeiro gaz e 77 do segundo, tendo mais em suspensão uma certa quantidade de vapor d'agua, e ainda 4 a 6 decimas millessimas de acido carbonico.

Por longo tempo se conjecturou que o ar não tinha pezo, sendo Aristoteles o primeiro que notou essa circumstancia sem comtudo a poder virificar: mais tarde, porém, Galileu demonstrou essa qualidade da atmosphera e por ultimo e mais decisivamente Otto de Guericke, inventor da machina pneumatica.

E ainda o ar resistente, por mais tranquillo que o dia nos pareça, que nos oppõe sempre essa resistencia que se torna tanto maior, quanto maior fôr a velocidade com que marchemos.

Assim, em carreira accelerada o ar açouta-nos mais a face que em passo regular, e mais ainda sobre um cavallo a gallope; parando, pára essa agitação do ar que estava todavia tranquillo. Não era o ar que nos fustigava, nós é que fustigavamos o ar com o nosso movimento de translação.

E ainda, um projectil saido da bôcca d'uma arma de fogo, e animado d'uma velocidade inicial espantosa, é bem depressa influenciado pela resistencia do ar que, de concerto com a lei da queda dos corpos, lhe termina e encurva a veloz trajectoria.

Este involucro invisivel, pois, que envolve o nosso globo, é um fluido composto, dotado de pezo e de resistencia, e se bem que pareça incolôr, não o é realmente, sendo dotado d'uma côr cerulea que dá a essa immensa abobada que nos serve de cupula, uma tinta azulada de tanta formosura e tão cantada pelos poetas.

O ar, quanto mais puro fôr, tanto mais benefica será a sua influencia nas vias respiratorias, e d'ahi, um sem numero de beneficios salutares no organismo humano.

A temperatura do ar reside na acção do sol e varia, com a constituição geologica do solo, com a cultura, com os bosques, com as montanhas, com o estado hygrometico do ar, com os ventos, com a visinhança do mar, com a presença dos gelos, não fallando das variações resultantes das latitudes e das estações, dependentes da propria origem.

As estações sobre tudo teem grande influencia sobre a temperatura e pureza da atmosphera.

Quem não conhece a benefica influencia da primavera, essa estação formosa, que se nos abre sempre com sua corôa de rozas, com seu gracioso sorrir!

Como tocando-os de varinha magica, faz florir os bosques e reverdecer os prados alcatifados de boninas.

As avesinhas, como louvando ao Senhor, em seus trinados melodiosos, dão vida e animação á natureza.

A terra, com suas gallas louçãs de mil florinhas de cores variadas, torna sublime o quadro, maravilhoso, divino!

Na temperatura doce do ambiente, rescende então a suavidade de gratos aromas.

É a estação formosa, estação de alegrias e flores, suave, d'uma suavidade magica que dá saude, que dá força, que dá vida!

A primavera é a estação que mais influe sobre a pureza da atmosphera.

O estio! O estio com suas montanhas de azul, onde o ar é puro, d'onde jorram crystalinas fontes.

É das montanhas, diz Hebel, que flue a vida;

Von den Bergen strömt das Leben.

As arvores teem então desenvolvido toda a sua florescencia; as aves, saindo de seus ninhos aos bandos, começam de ensaiar seus gorgeios amenos, desatando á luz formosa do sol essas plumagens vivissimas.

As searas, prestes a cairem ceifadas pela mão do segador, ondulam ainda graciosamente á dôce viração do zephiro, semelhando as ondas do oceano que, de encontro em encontro, ora se elevam, ora se abatem, até virem desfazer-se na praia em alvo lençol d'espuma.

É ainda n'essa estação formosa que, n'um dia limpido e sereno se avistam ao longe, muito ao longe, quasi indistinctamente, pequenas nuvens que, pouco a pouco crescendo, offuscam a atmosphera.

São nuvens de trovoada.

O ar, ainda o mais puro, é sempre mais ou menos electrisado.

A evaporação nos dias quentes é sempre activa, quando houver na superficie da terra uma certa quantidade de humidade; e a evaporação das aguas carregadas de materias salinas produz sempre grande porção de electricidade livre na atmosphera.

É assim que, n'esse machinismo maravilhoso do theatro da natureza, mais frequentemente na estação calmosa, se formam, d'um momento para outro, essas nuvens sombrias e densas que, abrindo suas fauces gigantes, expellem no ar ziguezagues de fogo.

Ao estio succede o outomno, quadra bella de singeleza e amor, em que as arvores privadas já de seus fructos gostosos, começam a despir-se das folhas amarelladas que o vento arrasta de valle em valle, correndo.

As andorinhas, inquietas, descrevendo nos ares linhas caprichosas e interminaveis, ora se agrupam, ora se dispersam para novamente se tornarem a juntar, até que, n'um momento justo, se alam a regiões onde o sol mais quece.

Como a cabeça d'um ser humano se povôa de alvissimas madeixas ao passo que os annos vão correndo, assim os prados, ainda ha pouco verdejantes e risonhos, o outomno com seus rigores eternos, vae amarellecendo e cançando.

Vem o inverno, silencioso e triste como a morte, e essas montanhas formosas de azul, transformam-se agora em vasto lençol alvissimo.

É a estação em que a temperatura descendo a zero, transforma em neve esses vapores aquosos que pairam na atmosphera.

O sol, tão perto então da terra, apenas lhe envia uns raios a custo, esguelhados, tibios, quasi sem calor.

As aves já não gorgeiam; o vento frio de neve, açouta-nos as carnes sem piedade. O ceu perde essa côr cerulea tão formosa que é indicio da estação das flôres, e exhibe-nos um sombrio pavoroso, augurio de aturadas tempestades.

(Continúa) JULIO VICENTE.

EM FAMILIA

Vasta fogueira na cosinha ardia,
ondas e ondas de fumo levantando;
ao redor d'ella estava-se aquentando
toda a familia em santa companhia.

A mãe, velha mulher de fé mui pia,
— nobres feições e rosto venerando, —
Tinha as contas na mão, de vez em quando
«Padre-Nosso, dizendo, e Ave-Maria»;

o pae, homem sisudo, bom, pacato,
da guerra oriental punha-se ao facto,
lendo uma folha de Moscou chegada;

mas o filho, — creança zombeteira, —
a lapis escrevia na carteira
um *improviso* aos olhos da creada!

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

GALERIA BIOGRAPHICA

YOUNG

A ANTONIO D'ARAUJO SERPA PINTO

A fonte mais maravilhosa da poesia é sem duvida o sentimento: faz crear poemas, idear panegyricos. Este ramo da arte poetica é o que constitue verdadeiramente a poesia. Poeta, segundo um auctor moderno, é o homem que sente, e do qual o sentimento se transforma na imaginação em palavras maviosas e ideias esplendidas. Outra escola, o realismo, dá ás palavras o cunho de realidade que ellas teem, despresando por assim diser as palavras finas de imaginação, trocando-as por aquellas que a razão sugere. Eduardo Young esteve filiado em ambas estas escolas.

Nas suas obras, ve-se muitas vezes o sentimentalismo transmittido em palavras ardentes, cair de repente n'um realismo desmascarado.

Filho do Capelão do rei Guilherme de Inglaterra, nasceu em Upham 1681.

Estudou os preparatorios no collegio de Winchester, e tomou o grau de doutor em direito em 1719. Em 1712 foi que E. Young principou a sua carreira poetica; escreveu entre outras as seguintes obras «*Carta a lord Lausdowne, Panegyrico de George* 1.º, *Carta a Addisen*» Alem d'isto escreveu tambem um magnifico poema sobre o *Juizo ultimo,* impresso em 1713 no formato de 8.º francez, e em 1719 e 1720 escreveu as tragedias *Busiris* e *A Vingança*, que foram pateadas.

A sua ambição arrastava-o como d'um turbilhão.

As suas primeiras obras, eram, como se vê, dedicadas a pessoas que o poderiam elevar até occupar as grandes dignidades.

Foi assim que elle arranjou como seu protector o marquez de Wharten, um homem completamente corrompido, mas a quem elogiou immensamente em prosa.

Apesar porem de todas estas lisonjas só occupou o logar de Capelão de George 2.º no anno de 1721, e nunca subiu ás altas dignidades da egreja anglicana.

No anno de 1740 é que principiou o poeta: morrera-lhe uma filha e o seu immenso amor de pae quasi lhe fez esquecer as dignidades com que sonhava.

Principiou a descrever os silencios mornos da noute, os scintillares palidos das estrellas, os raios prateados do luar, os fluxos e os refluxos das aguas. A melancholica que se apoderou do seu espirito tornou-se a fonte do seu genio, e então como que inspirado, escreveu uma serie de hymnos funebres repassados de melancholia, e que derramam nas almas tristes um não sei quê de poetico.

Eram as *Meditações da noute.*

O poeta mudara de escola, o seu nome até então apagado na historia d'ouro das lettras patrias, começou a abrilhantar-se.

Este livro teve um successo que Eduardo Young não esperava

Os espiritos exaltaram-se pela novidade do assumpto, e appareceram imitadores na Inglaterra, na Alemanha, e na França.

Geralmente, a celebridade aos grandes homens vem sómente depois que uma pedra cobre o seu corpo gelado.

Então cantam-se hymnos ao grande homem, fazem-se exequias esplendidas, e as suas canções antes despresadas, são agora trauteadas com agrado.

Eduardo Young tinha abandonado o mundo, consagrava-se apenas á religião, pensava nos nadas da vida, nos segredos dos tumulos, e precisamente n'esse momento em que o homem trocava as grandezas pelo Creador, as pompas pela natureza, vem-lhe transmittidas no vozear dos povos a celebridade!

É verdade que o genio primitivo de Young não estava completamente extincto.

Os assumptos tristes e monotonos que constituem as suas *Meditações* são ainda dedicados todos a personagens elevados.

Será isto um contraste procurado?

Nas *Meditações* do realismo chato, de monotonia de emphase, o auctor sobe ás inspirações mais esplendidas e mais patheticas.

Os sentimentos do poeta revelam-se nestes tres versos.

The day skort for my distreis and night
Ev'n en the Zeniths of kier dark domain
Is semel kine to the colorir of my fate (1)

Já na sua velhice escreveu mais algumas obras como «*uma carta e Richarden*» *sobre a composição original*» e em 1762 escreveu um poema *A resignação.*»

Este grande poeta morreu em Wellswyn.

Em 1763 e 1770 saiu á luz em França a traducção das obras de Young, por Letourmer.

O texto estava completamente transformado.

No *Mercurio de França* appareceu uma critica ás obras de Young por Chateaubriand, severa demasiadamente, dizendo o seu auctor, que preferia as bellesas da traducção ao original!

Ninguem seguiu esta opinião.

Em 1792-1803 imprimiu-se em Londres uma magnifica edição em 8.º 3 volumes das obras de Young, que é considerada como a melhor que existe.

Porto.

JULIO CARDOSO.

ROMANTISMO

A. D.

Oh! como eu vivo assim envolto d'harmonia
Ao bafo creador do teu sorrir de fada.
O teu olhar-mulher-de candida magia
É um beijo de creança, um sonho d'alvorada!

Aspiro no teu seio a ardente phantasia,
O aroma virginal da rosa immaculada.
Ai! se eu podesse assim, no teu regaço um dia
De beijos innundar-te a fronte perfumada!

— Que aurora de prazer, que sonho deslumbrante!
Seria até, meu Deus, o mais feliz amante
Que em vida provaria o calice do amor.

E quando então baixar á minha campa escura
Lança-me um só olhar — ó meiga creatura —
Que eu hei-de ressurgir no throno do Senhor!

Porto.

XAVIER DE CARVALHO.

(1) O dia é muito curto para a minha tristeza e a noute mesmo no zenith do seu negro dominio é um sol ao pé da côr da minha sorte.

Porto: 1878—Typ. Commercio e Industria, rua do Corpo da Guarda, 29.